



18º Congresso de Iniciação Científica

EDUCAR NA CRECHE: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS DOCENTES DE ATENÇÃO AO CORPO E PROCESSOS CULTURAIS DE DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Autor(es)

NOELLE BERNARDI DA SILVA

Orientador(es)

MARIA NAZARÉ DA CRUZ

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPQ

1. Introdução

Essa pesquisa aborda as relações entre práticas de atenção e assistência ao corpo e processos culturais de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, no contexto da educação em creche. Historicamente, na educação infantil, o cuidar sempre esteve vinculado à assistência e relacionado ao corpo. Nos anos 90, essa visão assistencialista sofreu modificações com a incorporação de creches e pré-escolas aos sistemas de ensino como primeira etapa da educação básica e a conseqüente necessidade de integrar as atividades de cuidado com as atividades pedagógicas.

Como aponta Tiriba (2005), essa integração educar-cuidar teve o “mérito de assumir o corpo como objeto da educação (o que é uma novidade importante)”, porém não resolveu as questões colocadas pela prática, na qual se mantém a separação entre corpo e mente, entre razão e emoção e a dicotomia entre cuidado e educação.

Na literatura, encontramos vários outros autores que discutem a concepção de corpo e de cuidado na creche. Mariotto (2003) afirma que a atenção dispensada na primeira infância aos cuidados do corpo é intensa e que ao cuidar do corpo, educa-se a criança. Veríssimo e Fonseca (2003) ao pesquisar as trabalhadoras da creche, afirmam que há, entre elas, uma visão de menosprezo ao cuidado e uma valorização do aspecto educativo da creche. Maranhão (2000) aponta, como uma primeira dificuldade de compreensão do cuidado na educação infantil, sua vinculação apenas ao corpo, desconsiderando a totalidade do ser humano.

Segundo Simão (2003), a importância do estudo sobre essas concepções se deve ao fato de que infância e corpo são construções culturais e históricas e só tem sentido dentro das sociedades humanas. A autora afirma que, nas práticas educacionais, o corpo é objeto do cuidado, além de ser parte substantiva da educação, seja nas rotinas diárias, nas brincadeiras, na organização e na linguagem corporal.

Amorim e Rossetti-Ferreira (2008) também contribuem para a compreensão dos processos pelos quais o corpo da criança incorpora significações histórico-culturais, mostrando que, no caso dos bebês, a relação dialógica com os educadores dá-se fundamentalmente por intermédio do corpo. Nessa relação, o corpo é significado e significa, incorporando/expressando as significações culturais, em suas posturas, gestos e ações.

A interação entre as duas facetas da creche – cuidar e educar – é, segundo Guimarães (2008), a resposta para a questão sobre o que é e como educar crianças de até três anos. Para a autora, o cuidado dilata as possibilidades da educação. O ponto em que cuidado e educação mais se relacionam é no desenvolvimento da criança, em vários aspectos como o social, o intelectual, o subjetivo e o físico. É no contexto dessas discussões que, em nossa pesquisa, focalizamos as interações adulto-crianças, em diferentes momentos da rotina,

com o propósito de identificar, em práticas relativas à atenção e assistência ao corpo, indícios de seu entrelaçamento com processos culturais de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

A pesquisa foi fundamentada teoricamente nas proposições de Vygotski sobre a natureza histórico-cultural dos processos humanos de desenvolvimento e aprendizagem. Para o autor (VYGOTSKY, 1984, 1989), desde o nascimento, as ações da criança são inseridas em um sistema de significações sociais, por parceiros mais experientes. Pela mediação do outro e do signo, a criança gradativamente apropria-se de sua cultura e constitui-se enquanto ser social e humano.

É, portanto, na relação com o outro, que cuida e educa, que o bebê vai sendo inserido no mundo da cultura, num processo de progressiva humanização. O comportamento do bebê é interpretado pelo adulto, que confere sentidos aos sons que ele emite e aos movimentos que realiza, atribuindo posições e lugares para si e para o bebê na dinâmica interativa (CRUZ, 2003a).

2. Objetivos

O objetivo central dessa pesquisa é identificar, nas interações adulto-crianças, as relações que se estabelecem entre práticas docentes relativas à atenção e assistência ao corpo e processos culturais de desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Para isso, pretendemos:

- Investigar as significações de ações, gestos e posturas – do adulto e da criança – que se produzem nessas interações;
- Traçar indícios da apropriação/incorporação dessas significações pelas crianças.

3. Desenvolvimento

Os procedimentos utilizados foram o recorte, seleção, transcrição e análise de episódios interativos entre educadoras e crianças, a partir de um banco de dados - constituído por filmagens já realizadas pela pesquisadora responsável pelo projeto, em um berçário de uma creche universitária - que contém registros em vídeo de interações entre adultos e crianças em momentos diversificados da rotina de um grupo estudado de crianças de 9 a 18 meses e suas educadoras.

O processo de construção dos episódios baseou-se nos objetivos da pesquisa e em três eixos temáticos: 1. momentos de alimentação: apropriação/incorporação de práticas culturais; 2. momentos de banho e troca de roupas: situações de interlocução; 3. contato físico e consolo: aprendizado do carinho.

4. Resultado e Discussão

4.1. Momentos de alimentação: apropriação/incorporação de práticas culturais

Rafaela está sentada no cadeirão de alimentação e sorri para a câmera. Tem diante de si o prato com a papa e a colher.

A professora Lucia está alimentando um grupo de quatro crianças, entre elas Rafaela, oferecendo a cada uma delas, alternadamente, colheradas de comida. Serve uma colher de papa para Rafaela e continua a servir as demais crianças.

Rafaela vai aos poucos aproximando a mão esquerda do prato e pega a colher, movimentando-a cuidadosamente no prato.

Lucia tira a colher de sua mão e coloca-a de volta no prato, à direita de Rafaela.

Rafaela pega a colher com a mão direita.

Lucia tira novamente a colher de Rafaela e lhe dá mais algumas colheradas de comida.

Rafaela pega novamente a colher com a mão esquerda e, mais uma vez, a professora tira para alimentá-la.

Rafaela pega novamente a colher com a mão esquerda. A professora segura a mão de Rafaela, que não solta a colher, auxiliando-a a levar a comida até a boca.

Esse episódio permite entrever que a apropriação das práticas culturais não implica, de modo algum, passividade da criança. Num contexto em que a criança é alimentada, sem tocar no próprio alimento e ainda sem dominar o manuseio da colher, Rafaela aproxima cuidadosamente sua mão da colher e a toma, mexendo a comida.

A professora tira a colher da mão esquerda de Rafaela e a apóia no prato do lado direito da criança. Sua ação pode ser interpretada como tentativa de impedir o manuseio da colher pela criança, reforçando o sentido de que pegar a colher é um gesto proibido nesse contexto. Mas, como apóia a colher no prato, à direita de Rafaela, podemos entender seu gesto como uma tentativa de posicioná-la para que a criança possa manuseá-la “corretamente”, com a mão direita e não com a esquerda. Gesto ambíguo – o da professora – que condensa sentidos e intenções implicados nas práticas de alimentação que desenvolve.

Rafaela toma a colher com a mão direita, mas novamente a professora a tira, agora para ela própria oferecer o alimento para a criança. A cena se repete mais duas vezes, agora com a mão esquerda de Rafaela, sendo que, na última, a professora segura a mão da criança, auxiliando-a a levar alimento à boca. A insistência da criança em pegar a colher modifica o comportamento da professora, que a

auxília, segura sua mão, faz junto, algo que também a criança deverá aprender a fazer sozinha.

4.2. Momentos de banho e troca de roupas: situações de interlocução

Talita está sentada no chão do trocador.

A professora Sandra chega ao local e Talita diz “oi”.

Talita: “Mamãe cabô!”

Professora: “Mamãe cabô, mamãe não tá aqui! Acabou mamãe!”

Talita: “Abou!”

A professora Sandra pega Talita no colo, a coloca sobre o trocador para trocar sua roupa e continua conversando com ela.

Talita: “Uta! Abou!”

Professora: “Uta! Achou! Achou Tatá!”

Nesse episódio, temos um outro movimento dialógico, em que as falas da professora e da criança se alternam, numa espécie de jogo. Sandra atribui sentido à fala de Talita “mamãe cabô!”, retomando-a e expandindo-a. Nesse momento, ela ainda fala pela criança, ao retomar suas palavras, explicitando-as: “mamãe cabo, mamãe não ta aqui”. Talita repete “abou!” e quando a professora a coloca sobre o trocador, mais uma vez, ela repete a mesma palavra, agora precedida de “uta!”. Interessante notar que, a partir daí, sua palavra é inserida em outro contexto dialógico pela professora que responde “Uta! Achou!”. Ou seja, no mesmo episódio a palavra da criança é interpretada como “acabou”, como se referindo à ausência da mãe e também como “achou!”, com entonação típica de um jogo de esconder comum entre adultos e bebês, também conhecido como jogo de “cuti”, em que o adulto esconde e mostra rosto (ou parte dele), falando “achou!”, quando o mostra. Embora o jogo não aconteça na situação aqui analisada, ele parece ser evocado pela entonação da criança e pela interpretação do adulto, num contexto em que a criança vai elaborando os múltiplos sentidos da palavra que enuncia. “Cabô!”, entoado de formas diversas no contexto dessa interação, aglutina – pela interpretação da professora - sentidos relativos à mãe que está ausente e ao jogo de esconder e encontrar.

4.3. Contato físico e consolo: aprendizado do carinho.

Rafaela está sentada no chão, ao lado de um bebê que dorme sobre um travesseiro e toca levemente a cabeça do bebê com sua mão.

A professora Sandra, que também está sentada no chão com um grupo de crianças diz: “Carinho! Viu? Faz carinho no nenê!”

Rafaela ergue os braços e dá umas leves batidinhas em sua própria cabeça. Em seguida, começa a bater levemente sua mão na cabeça do bebê que está ao seu lado.

Professora: “Rafaela, carinho Rafaela”

“Carinho, viu? Carinho no bebê!”

“Não, Rafaela, bater não!”

Rafaela para e olha para a professora. Ergue novamente os braços e dá leves batidinhas em sua própria cabeça e, depois, continua batendo de leve a sua mão sobre a cabeça do bebê.

Professora: “Rafaela, não!”

Rafaela para e olha para a professora. Mais uma vez toca a cabeça do bebê.

A professora chama Rafaela para sentar ao seu lado. Rafaela olha e a professora faz gesto de não com o indicador esticado.

Rafaela também estica seu dedo indicador e depois faz o gesto de não.

Aqui a professora interpreta o gesto de Rafaela, ao mesmo tempo em que busca controlá-lo, dar-lhe um contorno adequado à sua interpretação. Os sentidos atribuídos para o gesto da criança articulam o carinho e o bater e a intervenção do adulto busca modular esse gesto, indicando o carinho como comportamento socialmente aceito e desejável e o bater como comportamento inadequado, não permitido.

É importante destacar que a criança, ao bater de leve a sua mão na cabeça da outra, parece imitar um gesto bastante comum às educadoras desse grupo que é o de dar tapinhas leves nas costas dos bebês para fazê-los dormir. Tapinhas nas costas e carícia na cabeça (con)fundem-se no gesto de Rafaela: tapinhas na cabeça.

A criança apropria-se de gestos pela imitação dos adultos. Experimenta esse gesto em si própria, batendo na própria cabeça, e depois em outra criança. Mas essa apropriação ainda não é adequada do ponto de vista social e, portanto, seus gestos são regulados, controlados pelos adultos para que se tornem apropriados, adequados socialmente. O gesto de não também é imitado e, pela imitação, a criança apropria-se do gesto do outro. É o início de um longo processo de aprendizagem pela criança de modos socialmente aceitos de manifestação de afeto e também de controle de seus impulsos e gestos.

5. Considerações Finais

As análises acima indicam que, no contexto estudado, práticas de cuidado e assistência ao corpo, realizadas pelas educadoras, colocam em curso processos de desenvolvimento da linguagem da criança, de incorporação de práticas culturais de uso de objetos e de controle do próprio corpo, de seus gestos e manifestações de afeto.

Como apontam Tiriba (2006) e Kramer (2005), nessas práticas o corpo é tomado como objeto de educação, ainda que não intencionalmente. Ao cuidar do corpo, educa-se a criança (MARIOTTO, 2003) e ela se desenvolve.

Nossas análises evidenciam que os cuidados oferecidos pelas educadoras são marcados por suas intenções e pelos significados que lhes atribuem a partir de seu contexto cultural. Tais intenções e sentidos enfatizam aspectos determinados do desenvolvimento da criança, em detrimento de outros (MARANHÃO, 2000). Por sua vez, as crianças, numa interação dialética com o meio sócio-cultural, interferem no ambiente com suas ações, incorporam significações e práticas que nele se produzem, num processo em que dinamicamente também se transformam, se desenvolvem e se humanizam.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, K. e ROSSETTI-FERREIRA, M.C. Corporeidade, significação e o primeiro ano de vida. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 60, nº 1, 2008, p. 67-81.
- CRUZ, M. N. Tornar-se humano: desenvolvimento e aprendizagem na primeira infância. In ALMEIDA, A.M.F. e LEMES, S. S. (org) *Pedagogia cidadã – Cadernos de Formação: Psicologia da Educação*. São Paulo, UNESP, 2003(a).
- GUIMARÃES, D. O. No contexto da creche, o cuidado como ética e a potência dos bebês. *Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED*. 2008. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 03 out. 2009.
- KRAMER, S (org.) *Profissionais de educação infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- MARANHÃO, Damaris G. O cuidado como elo entre saúde e educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 111, p. 115-133, dez.2000.
- MARIOTTO, Rosa M. M., *Atender, cuidar e prevenir: a creche, a educação e a psicanálise*. *Estilos clínicos*. v.8 n.15 São Paulo jun. 2003.
- SIMÃO, M. B. Concepções de corpo, infância e educação na produção científica brasileira (1997-2003). *Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED*. 2008. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 03 out. 2009.
- TIRIBA, L. Educar e cuidar ou, simplesmente, educar? Buscando a teoria para compreender discursos e práticas. *Anais da 28ª Reunião Anual da ANPED*. 2005. Disponível em: <www.anped.org.br>. Acesso em: 17 ago. 2006.
- VERÍSSIMO, Maria De La Ó R.; FONSECA, Rosa Maria G. S. O cuidado da criança segundo trabalhadoras de creches. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.11, n.1, Ribeirão Preto jan./fev. 2003.
- VYGOTSKY, Lev S. *Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.